

# humanitas



Vol. LXIII  
2011

FRAZIER, Françoise, LEÃO, Delfim F. (eds.), *Tychè et Pronoia. La marche du monde selon Plutarque*. Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, Classica Digitalia Vniuersitatis Conimbrigensis, 2010. ISBN 978-989-8281-52-4. ISBN Digital 978-989-8281-53-1.

O volume que ora apresentamos integra-se no projecto «Plutarco e os fundamentos da identidade europeia» (CECHUC) e tem origem no encontro anual da Rede Internacional de Investigação e Formação para a Investigação sobre Plutarco, que decorreu na Maison de l'Archéologie et de d'Ethnologie René Ginouvès, em Nanterre, em Novembro de 2009, dedicado ao tema «Hasard, Fortune, Providence: la marche du monde selon Plutarque».

Como objectivos, a publicação pretende atingir um público de filólogos, filósofos e historiadores que se dedicam não apenas a Plutarco como também ao tempo em que viveu e aos autores com que a sua obra interage.

Uma extensa introdução de F. Frazier sobre a marcha do mundo e as incertezas da Tique/*Tyche* abre o volume. Com este texto, o leitor fica de imediato perante uma perspectiva alargada das principais problemáticas que serão abordadas ao longo de toda a obra. Nele, são trazidas à colação as posições plutarquianas acerca do funcionamento do mundo/universo, tendo em particular conta a sua relação com o platonismo, o aristotelismo e, como inevitável, o estoicismo. Assim, salienta-se que, para Plutarco, o universo é regido segundo uma Providência divina e não pelo Acaso, seguindo Platão, que condenava as teorias físicas do seu tempo. Ao contrário dos estóicos, todavia, Plutarco não considera que a Providência intervenha em tudo. Significa isso que, para o nosso autor, a *Tyche*, apesar de excluída da formação e da marcha do universo, intervém nas particularidades das vivências de cada indivíduo, tornando-se um factor inevitável na acção humana e transformando os assuntos humanos em meras vicissitudes ou *tychai*. Esta posição constitui, aliás, mais um ponto de oposição com o estoicismo.

Frazier tem ainda a preocupação de enunciar os principais problemas relacionados com a tradução do termo «*tyche*», considerando que o mesmo enuncia sobretudo um conceito filosófico, não deixando contudo de ser um conceito habitualmente aplicado em situações de quotidiano. De igual modo, na cultura grega, em especial na helenística, a hipótese do conceito assumiu contornos com particular significado, revestindo-se de uma importância vital no quadro da religiosidade coeva.

As considerações que Frazier tece em torno da ideia de *tyche* merecem atenção equivalente no caso do conceito de *pronoia*, a outra ideia central no fio condutor que dá sentido a esta obra.

No que diz respeito à organização do volume, ele está dividido em três partes. A primeira, subordinada ao tema «Doutrinas e debates filosóficos» (pp. 1-66), é composta pelos textos de Rosa Aguilar, Raul Caballero, Paola Volpe, Francesco Becchi e Juan Francisco Martos. Neste conjunto de propostas, discutem-se temas como o platonismo de Plutarco, o seu estoicismo – bem como a crítica ao mesmo, através da análise do tratado «Contradições dos Estóicos» –, relações com o epicurismo, e ainda a eventual articulação entre as ideias de Providência e Livre-Arbítrio.

A segunda parte, «Entre Filosofia e Religião, as relações de homens e deuses» (67-138), inicia-se com um novo texto de F. Frazier, em torno da teodiceia de Plutarco, partindo da oposição entre a Providência platónica e a *Tyche* epicurista. Frazier é acompanhada nesta parte por Geert Roskam, Ana Isabel Jiménez e Mónica Duran, que debatem os temas da demonologia socrática, da presença dos cultos orientais na obra do Queroneense, da condenação dos *pseudomanteis*, da importância dos sonhos na *Vitae* – em particular os presentes nas vidas dos heróis helenísticos, em que a *Tyche* assume um papel mais preponderante e significativo. Este último tema está presente no estudo de Duran que tem sobretudo o mérito de se articular com as metodologias psicoanalíticas, tantas vezes criticadas, mas igualmente atraentes, do ponto de vista das propostas.

A terceira e última parte dedica-se a «Interpretar a acção humana» (pp. 139-249), através da intervenção da *Tyche*. Os contributos são da autoria de Marie-Rose Guelfucci, A. Pérez Jiménez, Delfim F. Leão, Maria do Céu Fialho, R. Scannapieco e Angelo Casanova. Os trabalhos aqui apresentados dividem-se entre a análise comparatista com outros autores relativamente coevos, como Políbio (e por conseguinte a presença de temáticas comuns nos mesmos, permitindo uma perspectiva renovada sobre o autor de Queroneia), as funcionalidades da Providência nas *Vidas*, a presença de outros conceitos filosóficos – como *kairos* e *chronos*, nos textos plutarquianos – e sua respectiva utilização retórica. Esta parte inclui ainda análises eficazes sobre a construção de algumas das figuras do *corpus* biográfico de Plutarco, como as de Fócion e Alexandre. No seu conjunto, as exegeses propostas revelam originalidade, pertinência e chegam mesmo a propor novidades ao nível da perspectiva de análise.

Em suma, o mérito do livro em apreço é conseguido pela conjugação da inegável qualidade científica dos estudos nele apresentados, mas também pelo facto de reunir contributos de autores de vários países (Portugal, Espanha, França, Bélgica e Itália), constituindo uma verdadeira e adequada *joint venture* no estudo do «Educador da Europa». A existência de um índice de passos citados contribui também para a qualidade da publicação. Por outro lado, seria eventualmente cómodo para o leitor encontrar uma bibliografia conjunta no final do volume, bem como um índice temático e topo-antroponímico. Esta lacuna, todavia, em nada reduz a importância e a qualidade da publicação, ao nível, aliás, do que os já imprescindíveis *Classica Digitalia* nos habituaram. Parabéns, pois, aos seus editores.

NUNO S. RODRIGUES

FURLAN, Mauri (Org.), *Clássicos da Teoria da Tradução. Antologia bilingue. Volume 4: Renascimento*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 2006, 463 pp., ISBN: 85-88464-09-8.

A Antologia de Mauri Furlan, da Universidade Federal de Santa Catarina (Florianópolis), é o 4º volume da colecção de antologias de textos teóricos sobre tradução e sucede a três Antologias Bilingues de Clássicos da Teoria da Tradução (duas das quais já esgotadas): Volume 1 - *Alemão/Português*, de Werner Heidermann (org.), 2001 (218p.); Volume 2 - *Francês/Português*, de Cláudia Borges de Faveri & Marie-Hélène Catherine Torres (orgs.), 2004 (224p.); e Volume 3 - *Italiano/Português*, de Andréia Guerini & Maria Teresa Arrigoni (orgs.) 2005 (222p.). O Volume 4 vem a ser dedicado aos autores do Renascimento, aqueles que lançaram as bases do pensamento moderno sobre tradução. Assim, ao contrário dos três primeiros volumes, centrados na apresentação de textos de uma determinada língua, o volume dedicado ao Renascimento estende-se antes aos autores de uma época que podemos considerar ‘fundadora’, abrangendo por isso textos de língua alemã, castelhana, francesa, portuguesa, latina e inglesa e cobrindo um espectro de autores que vai desde o humanista italiano Leonardo Bruni, até ao limiar do século XVII, representado por um autor como Cervantes.

Para melhor enquadramento desta antologia, convém registar três artigos que o mesmo autor publicou em anos precedentes, e que constituem uma “Brevíssima história da teoria da tradução no Ocidente – I. Os